



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO DE ALUNOS E PROFESSORES

Marcos Eduardo Bandeira do Nascimento¹
Débora Vitória Castro de Amorim²
Maria Eduarda Silva da Costa³
Flávia Roberta Peixoto de Lima⁴
Flávia Tavares da Costa Ramos⁵

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma nova perspectiva sobre a variação linguística dentro de escolas públicas e privadas do Estado de Pernambuco, abordando os feitos educacionais positivos e negativos. Partiu-se da análise das respostas de estudantes e de professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental II e do ensino médio a um questionário de múltipla escolha e discursivo que tratava sobre alguns mitos do preconceito linguístico e afirmações sobre a variação linguística. Os participantes deveriam dizer se esses mitos e afirmações eram verdadeiros ou falsos de acordo com o que lhes é ensinado no dia a dia. No que diz respeito às respostas, é perceptível notar diferentes critérios do desenvolvimento dos aspectos sociocomunicativos em virtude da variação linguística, o modo como são aplicadas e compreendidas as variações nas salas de aula é bastante complexo e multifuncional. A análise reforça a necessidade do ensino da sociolinguística dentro das escolas públicas e privadas, incentivando a variedade linguística brasileira que amplia a capacidade de escrita e leitura, agregando, assim, a compreensão textual e a comunicação social.

Palavras-chave: Escola. Variação linguística. Salas de aula. Ensino. Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

A abordagem da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa e a perspectiva dos alunos sobre preconceitos linguísticos, que muitas vezes não são combatidos ou servem até mesmo de estímulo por parte dos docentes em não tratar do

¹ Graduando do curso de Letras – Licenciatura Plena em Português e Inglês da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, marcos.2019110491@unicap.br;

² Graduanda do curso de Letras – Licenciatura Plena em Português e Inglês da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, debora.2019130387@unicap.br;

³ Graduanda do curso de Letras – Licenciatura Plena em Português e Inglês da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, maria.2019131482@unicap.br;

⁴ Graduanda do curso de Letras – Licenciatura Plena em Português e Inglês da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, flavia.2019110526@unicap.br;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Linguística (UFPE), professora do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, flavia.ramos@unicap.br.



assunto no âmbito escolar, é uma das maiores dificuldades nas escolas e para os professores da área. Viu-se então a necessidade de obter as diversas opiniões sobre a variação linguística de alunos e professores das redes privadas e públicas da região metropolitana do Recife.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo investigar as concepções de alunos do ensino fundamental II e ensino médio e professores de Língua Portuguesa a respeito da variação linguística, a partir da análise das respostas desses estudantes e professores a um questionário de múltipla escolha e discursivo sobre alguns mitos do preconceito linguístico e afirmações sobre a variação linguística. Os participantes deveriam dizer se esses mitos e afirmações eram verdadeiros ou falsos de acordo com o que lhes é ensinado no dia a dia.

Marcos Bagno, sociolinguista brasileiro, se opõe a um sistema de regras da gramática normativa visando que o português é uma língua que sempre sofrerá alterações, a cada ano mais palavras são adicionadas à fala. Ficar preso a uma regra seria se opor a um todo léxico.

A língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. [...] a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36)

Para Bagno (2007), o preconceito linguístico continua sendo alimentado diariamente na televisão, rádio, jornais, revistas, e em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, principalmente nas gramáticas normativas e livros didáticos.

Para os alunos, o questionário inicia-se com afirmações sobre os mitos do preconceito linguístico e finaliza-se perguntando o que eles fariam se um colega falasse de uma maneira gramaticalmente incorreta segundo a gramática normativa. Para os professores, traz-se discussões sobre como eles trabalham a gramática e a variação linguística em sala de aula e suas opiniões acerca do tema.



Na tentativa de alcançar seus propósitos, o artigo está organizado da seguinte maneira: primeiro, trazemos a metodologia do trabalho. Em seguida, apresentamos uma análise das respostas dos estudantes e professores, contextualizada com a teoria de acordo com linguistas que trabalham com a temática. Concluímos com a discussão dos resultados nas considerações finais.

As estatísticas das pesquisas dos alunos seguiram um padrão em que os participantes acreditam que falam um português “perfeito”, que não há erros em seu dialeto, classificando-o como o português oficial. Alguns alunos foram mais críticos com pessoas que falam e/ou escrevem um português que não segue a regra da gramática normativa. Os professores tiveram uma visão gramatical e linguística totalmente diferente: Eles acreditam na importância da gramática normativa, mas contextualizam que há variações linguísticas e que temos que entendê-las e não julgá-las.

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da sua língua. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de "preconceito positivo", que também se afasta da realidade. A maioria dos estudantes acredita que a única maneira de se conseguir sucesso na vida profissional é usufruindo da gramática normativa e as pessoas que não a seguem devem ser excluídas da sociedade, sofrendo preconceito linguístico.

Examinamos algumas dessas afirmações falaciosas e vimos em que medida elas são, na verdade, mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar.

METODOLOGIA

Neste artigo, foi executado inicialmente um estudo sobre o ensino da sociolinguística em sala de aula. A coleta da pesquisa foi essencial para o entendimento do processo de variação dentro do contexto das salas de aula de hoje, podendo evidenciar a validade e a confiabilidade do estudo através dos dados coletados.

Através de um questionário realizado pela internet, alunos e professores de escolas particulares e públicas foram induzidos a comentarem sobre a variação linguística brasileira e o preconceito linguístico dentro das salas de aula. Os



entrevistados cursavam e trabalhavam em escolas do ensino fundamental II ao ensino médio.

O corpus que analisamos corresponde às respostas de 47 estudantes, sendo 24 alunos da rede privada e 23 da rede pública de ensino, 38 alunos cursavam ensino médio e 9 alunos cursavam ensino fundamental II. Analisamos também as respostas de 3 professores, sendo 2 da rede pública e 1 da rede privada. Um professor leciona nas turmas da 1ª e 2ª série do ensino médio, o segundo no 3º ano do ensino médio e o último no 8º ano do ensino fundamental II.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa análise, discutimos os conceitos de variedade linguística e preconceito linguístico nas salas de aula pressupostos às respostas dos estudantes e professores.

A seguir, serão abordados questionamentos que foram realizados aos alunos, baseados no livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (1999) do professor, doutor em filologia, linguista e escritor brasileiro Marcos Bagno.

A primeira questão abordada foi se os alunos consideravam a língua portuguesa muito difícil de ser aprendida, usada e compreendida, 68,1% responderam que acreditam que a língua portuguesa é complexa e 31,9% não acham a língua portuguesa difícil. A grande maioria ainda acredita nesse mito de que o português é uma língua difícil, para Bagno (1999), isso ocorre porque “as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil” (p. 33). De acordo com o autor, a solução para que os alunos deixassem de acreditar nesse mito seria o ensino do uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil. Ainda segundo Bagno (1999), “Se existisse língua ‘difícil’, ninguém no mundoalaria húngaro, chinês ou guarani, e, no entanto, essas línguas são faladas por milhões de pessoas, inclusive crianças analfabetas” (p. 34).

Na afirmativa seguinte, almejamos saber se eles consideravam que não sabem falar corretamente e que não escrevem muito bem a língua portuguesa, 76,6% afirmam que sabem falar a língua portuguesa brasileira muito bem e 68,1% consideram que sabem escrever corretamente, já 23,4% discordam e acreditam que não sabem falar tão bem a língua portuguesa e 31,9% afirmam que não escrevem a língua portuguesa corretamente. A maioria das respostas vão ao que Bagno (1999) defende, para ele,



“todo falante nativo de uma língua sabe essa língua” (p. 33). Para saber uma língua não é necessário ter o conhecimento de todas as suas regras gramaticais, e sim conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas do seu funcionamento.

A seguir, veremos um questionamento em torno da língua escrita x falada. Foi discutido se a língua escrita é mais “certa” que a língua falada e segundo os alunos esse fator é verdadeiro, pois 63,8% concordaram com tal afirmação, e 36,2% discordam dela. Foi também questionado se para um indivíduo escrever bem, ele deve melhorar sua maneira de falar, 63,8% abordaram que esta afirmação é correta e 36,2% afirmaram que esta questão é incoerente, sendo considerada “falsa”. Isso demonstra que a maioria dos estudantes acredita que, por a língua escrita ter um “padrão”, ela será mais correta do que língua falada, que tem variações.

Ao analisar as respostas dos alunos, uma questão foi de cunho importante para entender o que os estudantes realmente achavam da língua portuguesa. Após questionarmos se as pessoas que moram nos grandes centros urbanos falam melhor do que as que moram em zonas rurais. Foi perceptível por parte de alguns alunos a noção de que se um indivíduo mora no centro, ele falará melhor do que um outro indivíduo que mora na zona rural, podendo essa afirmação estar relacionada com o pensamento econômico e social que foram feitas a seguir. 57,4% concordam com essa pergunta e 42,6% discordam. É fato que existe uma diferença na linguagem de pessoas urbanas e rurais, mas isso não significa que as pessoas que moram nos centros urbanos falam melhor que as rurais. Essa ideia parte principalmente do fato de que a sociedade urbana geralmente é formada pela maioria de pessoas escolarizadas.

Posteriormente, foi levantado o questionamento sobre se as pessoas mais ricas falam melhor do que os indivíduos mais pobres, segundo os estudantes 60,9% afirmam que concordam com essa suposição e 39,1% discordam. De acordo com Bagno no livro Nada na língua é por acaso (2007), “as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto” (p. 43), mas isso não quer dizer que, por existir essa variação, as pessoas mais pobres chegam a falar errado.

Adiante, foi questionado se um bom professor de português fala difícil e se ele deve corrigir a fala do seu aluno para ser considerado um bom educador, na primeira hipótese a maioria dos estudantes marcou a opção “falsa”. Já na segunda, os educandos



acreditam que a correção é realmente essencial para que um professor seja considerado “bom”. O bom professor de português não fala difícil, dificultando o entendimento de sua aula, e sim, fala de uma maneira com que todos os seus alunos compreendam o que está sendo dito. Na parte da correção dos alunos, o bom educador de português expõe a maneira gramaticalmente correta para o seu aluno, sem humilhá-lo, respeitando seu modo de falar.

Além disso, foi questionado se os alunos sabiam o que significava preconceito linguístico. 80,5% disseram que conheciam o preconceito linguístico e abordaram seu significado, sendo retratado de maneira generalizada como julgar, discriminar e não aceitar a forma como alguém fala, 19,4% falaram que não tinham conhecimento acerca do significado do preconceito linguístico.

Finalizando o questionário, foi perguntado o que os alunos fariam ou pensariam se algum colega de turma falasse “nois botamo os livro tudo nas muchila”, a maioria das respostas demonstra que os alunos iriam “corrigi-lo” e “ensiná-lo” a falar “certo”. 21,05% disseram que não fariam absolutamente nada e 13,1% afirmaram que iriam achar cômica tal situação. Essas respostas estão expostas no quadro a seguir.

O que você faria se ouvisse um colega seu falando a seguinte frase: "Nois botamo os livro tudo nas muchila"?	
ALUNO 1	“Nada. O nosso modo de falar nem sempre prejudica a nossa escrita, mas se eu ver que vai ser prejudicial para o mesmo eu o corrijo”
ALUNO 2	“Nada, o que importa na língua é passar uma informação, e assumindo que estamos em meios informais, eu sinceramente não me importo com o que ele fala, ou deixa de falar, não estamos sendo examinados nem nada”
ALUNO 3	“Entenderia perfeitamente o que ele está querendo me transmitir.”
ALUNO 4	“Iria corrigir obviamente dizendo que a frase está gramaticalmente errada e que se fala nos colocamos todos os livros dentro da mochila.”
ALUNO 5	“Achar que ele é uma pessoa inculta e burra (se não for de brincadeira)”
ALUNO 6	“Apesar de ficar muito incomodada, não o corrigiria.”



ALUNO 7	“De primeira mão não corrigiria para não trazer constrangimento, e logo após falaria com a pessoa em outro momento.”
ALUNO 8	“Ia rir bastante.”

Tais fatores abordam que mesmo conhecendo ou não o significado do preconceito linguístico, ambas as partes teriam a mesma reação, que seria corrigir o indivíduo, que segundo eles, estaria falando de maneira equivocada e incompreensível. De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico origina-se da criação de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que afirma ser um “erro” falar de uma maneira diferenciada e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo.

Em virtude das relações das respostas dos alunos, perguntamos aos professores como eles trabalham a gramática em sala de aula, se abordavam a metalinguagem, e se consideravam tal feito importante. Obtivemos as seguintes respostas:

Como você trabalha a gramática em sala de aula? Dá exercícios de metalinguagem? Você acha que isso é importante? Por quê?	
PROFESSOR 1	“Trabalho as regras gramaticais de forma tradicional e depois trabalhamos a gramática contextualizada com os textos. É super importante esse trabalho para que o aluno entenda seu uso e também produza textos coesos”.
PROFESSOR 2	“Trabalho a gramática normativa, corrigindo as variações existentes na língua e os erros mais comuns na fala e na escrita. É de grande importância e deve ser trabalhado com os alunos”.
PROFESSOR 3	“Aulas expositivas, com a definição do assunto na lousa, os alunos copiam os assuntos, caso tenham interesse, distribuo fichas de leitura e textos para que possamos contextualizar o assunto. Trabalho a metalinguagem de forma sutil, voltada para o ensino da literatura, poucas as vezes agrego ao trabalho estritamente gramatical. Atividades assim aproximam o aluno criando interesses pela disciplina além de fazer com que ele entenda o ato comunicativo por meio da escrita de sua língua nativa.”

A resposta do professor 1 está totalmente adequada de acordo com a sociolinguística, pois as regras gramaticais não devem ser excluídas da sala de aula, e sim readaptadas. No caso do professor 1, primeiro se trabalha de forma tradicional e depois se contextualizando com textos. Já a resposta do professor 2 está incoerente com



os ideais da sociolinguística, pois o professor só trabalha a gramática normativa com seus alunos, sem respeitar as variações linguísticas existentes.

Logo após, foram indagados se trabalhavam com a variação linguística na turma que lecionavam, obtemos as seguintes respostas:

Você trabalha com variação linguística na turma? Como?	
PROFESSOR 1	“Trabalhamos com pesquisa, leitura do livro, filmes para entender que ela pode ser determinada pelo gênero, idade, e questões sócio econômicas”.
PROFESSOR 2	“Sim, explico como a língua varia, através da fala e escrita conforme o livro aborda”.
PROFESSOR 3	“Sim, contextualizando seus "modos de falar" com o seus nichos sociais - escolhidos ou não; transversalizando o conhecimento com outras disciplinas que ajudam no entendimento destas variações (geografia e história)”

É de extrema necessidade que os professores de Língua Portuguesa trabalhem a variação linguística em suas turmas, pois, caso os alunos não tenham contato com o tema, eles têm maior tendência a acreditar nos mitos do preconceito linguístico. Os professores citados trabalham bem com a variação nas suas aulas, porém é necessário ir além. A melhor forma de trabalhar com a variação linguística em sala, seria, de acordo com Stella Bortoni (2020):

Se um professor do Ensino Básico conhece as características da fala do grupo social de onde provêm seus alunos, poderá planejar seu trabalho pedagógico com vistas a ampliar a competência comunicativa desses alunos, habilitando-os a usar outras variantes de mais prestígio, na escrita e na fala quando essa precisa ser monitorada. [...] Se a variação linguística for discutida na escola, inserida na matriz do multiculturalismo brasileiro, teremos mais oportunidade de discutir a gramática da língua padrão, descrita nos compêndios de gramática normativa, à luz das características da nossa fala brasileira; poderemos identificar os contextos em que as diversas variedades da língua são produtivas; poderemos também ler com mais interesse a literatura brasileira que, desde o Modernismo, incorporou modos brasileiros de falar. E mais, ao trabalhar a leitura em sala de



aula, os professores, que são os principais agentes letradores, saberão reconhecer estruturas linguísticas que não pertencem ao repertório dos seus alunos, antecipar as dificuldades, “traduzi-las” e associá-las a variantes mais usuais na linguagem oral coloquial. Poderão ainda construir agendas e elaborar sequências didáticas que visem a capacitar os alunos a se tornarem “bidialetais”, no seu uso da língua portuguesa. (Stella Maris Bortoni-Ricardo)

Em seguida, perguntamos se os professores consideravam que a função da escola era ensinar norma culta/padrão.

Você acha que a função da escola é ensinar norma culta/padrão?	
PROFESSOR 1	“Com certeza, caso não seja ensinada, ela perderá o seu uso, qualquer um poderá determiná-la. E se isso acontecesse, provavelmente ninguém mais entenderia o que seria escrito nos textos, nos e-mails, etc”
PROFESSOR 2	“Sim, com certeza.”
PROFESSOR 3	“Também, valorizando todos os outros modos de falar.”

Está totalmente coerente a resposta do professor 1, pois, de fato, a norma padrão não pode ser extinta das escolas e da sociedade, porém, o professor não deve ensiná-la exclusivamente. É necessário o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de textos falados e escritos. “Do que adianta fazer a pessoa decorar o que é uma ‘oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo’ sem permitir que ela consiga se expressar adequadamente no momento de falar e, sobretudo, de escrever?”, questiona Bagno em entrevista ao site Stella Bortoni.

O foco final da entrevista se tornou nas questões do preconceito linguístico e como poderia ser enfrentado.

Como você acha que o preconceito linguístico poderia ser enfrentado?	
PROFESSOR 1	“Percebendo que a fala é diferente da escrita, que vários fatores interferem nela e que ela não deve determinar as diferenças entre os indivíduos”.
PROFESSOR 2	“Acho que deve ser enfrentado com a ajuda do professor na sala de aula, ensinando normas aplicáveis no dia a dia e com seu esforço pessoal”.



PROFESSOR	"Com certeza."
3	

A colocação dos professores 1 e 2 estão totalmente adequadas, mas para combater o preconceito linguístico, é necessário que o professor de língua portuguesa faça uma reeducação sociolinguística com seus alunos, valendo-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. Neste processo:

Se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor, com a herança cultural), e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias de compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões do mundo e modos de expressá-los. (GERALDI, 1996, p. 69, apud BAGNO, 2007, p. 225).

A evidência é que o ensino de língua não tem tido sucesso ultimamente entre os usuários. Existe, e é claramente perceptível, por parte de alguns alunos, uma repulsa às aulas de gramática da língua portuguesa, porque, apesar de estabelecerem contato com algo que lhes é parte integrante, característica fundamental da constituição do ser, não se sentem familiarizados com o método de ensino, que lhes distancia da maneira como utilizam e consideram a linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos sobre o temática da variação linguística no meio escolar e do papel do docente frente ao ensino da gramática normativa. Foi possível perceber que o assunto ainda traz uma série de reflexões, pois os docentes ainda se deparam com desafios, visto que a variação linguística passa despercebida enquanto ensino isolado nas escolas o que, conseqüentemente, prioriza o ensino de gramática de forma não contextualizada.



No decorrer desta pesquisa foi vista a grande expansão que o preconceito linguístico está tomando nos dias de hoje, principalmente dentro de sala de aula. Também foi dada ênfase às atitudes dos docentes em relação a isso, já que os maiores índices de preconceito linguístico estão na relação professor/aluno, uma vez que com esta prática, o discente pode perder o estímulo de ir à escola pelo fato de se sentir inferior aos outros por usar um tipo de variação.

Esse pequeno recorte das observações realizadas em sala de aula de ensino fundamental II e ensino médio para responder a um questionário com os professores e alunos forneceu subsídios para afirmar que precisa acontecer na escola um trabalho mais sistemático em relação à variação linguística, pois este fenômeno está presente na língua em decorrência de vários fatores, como: geográficos, sociais e culturais. Também deve fazer parte do cotidiano do professor conscientizar os alunos de que não deve haver discriminação ou preconceito em relação à variedade utilizada pelo outro. Tarefa um tanto difícil quando não se consegue eliminar a presença da noção do erro: “Trabalhamos com pesquisa, leitura do livro, filmes para entender que ela pode ser determinada pelo gênero, idade, e questões sócio econômicas” afirma um dos professores.

Compreendemos que embora o professor considere que a língua não é homogênea e preocupe-se em não estigmatizar a fala do aluno, é difícil se libertar do discurso autoritário que ainda prevalece na escola, definindo o “certo” em relação à língua e estigmatizando as variações que se distanciam daquela considerada padrão que mesmo não sendo tratado pelos livros didáticos, o fenômeno da variação linguística deve ser discutido com os alunos ainda que de forma não sistemática nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente, quando surgirem situações em que os alunos demonstrem conceber sua variedade linguística como “errada”, “inferior”, “feia” e “deselegante”.

No entanto, o que se vê é que mesmo com os avanços das pesquisas linguísticas, ainda prevalece na escola um discurso autoritário com o tom de “certo” e “errado”, sendo estigmatizadas as variedades que se distanciam daquela considerada padrão. Uma das mais graves consequências desse discurso se reflete no receio que os alunos têm de falar nas aulas, com medo de não saber se expressarem e serem ridicularizados. Eles saem da escola com a certeza de que não sabem falar nem escrever. Acreditamos que o fazer pedagógico precisa ser repensado de forma que predomine o respeito ao cidadão,



independente de sua classe social e modos de falar e assim, contribua para a obtenção plena da cidadania.

Conciliar a diversidade linguística com as práticas pedagógicas no momento de ensinar a Língua Portuguesa não é uma opção para incrementar o processo de ensino aprendizagem do aluno, e sim uma necessidade. Não se trata somente de inserir conteúdos gramaticais durante as aulas, é indispensável que se ofereça uma educação com qualidade e respeito, a qual só irá acontecer quando a bagagem cultural do educando for valorizada. Nesse sentido, o papel do educador é de suma importância, pois sua postura vai determinar qual a posição que os alunos terão em sala de aula, se de sujeito ou sujeitados no processo de ensino aprendizagem.

Por meio da análise dos dados pode-se concluir que é preciso aperfeiçoar a parte teórica do educador em relação à Sociolinguística para que ele possa efetuar mudanças nas metodologias empregadas para ensinar a Língua Portuguesa. É essencial uma abordagem que realmente envolva a diversidade linguística no ensino da norma-padrão, pois a forma como essa abordagem vem sendo utilizada não tem agregado conhecimento aos alunos. Nesse sentido, na avaliação educativa há de se considerar o entendimento do contexto, da prática educativa e não apenas a obediência as “regras gramaticais”.

Respeitar as diferenças em sala é a palavra chave para que haja um ensino que leve em consideração o aluno enquanto sujeito em sala de aula e não como um ser passivo da vontade do professor, a busca por um ensino que democratize a linguagem deve ser a meta dos mestres enquanto “construtores” do saber.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Manual de Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI, Stella. Revendo conceitos básicos de Sociolinguística: por que ensinar variação linguística em sala de aula? Stella Bortoni. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/5025-revendo-conceitos-basicos-de-sociolinguistica> . Acesso em: 06/08/2020.

BORTONI, Stella. Afinal, é necessário ou não ensinar a norma padrão? Stella Bortoni. Disponível em: <http://stellabortoni.com.br/index.php/artigos/1191-afioal-i-oiissaaio-ou-oao-iosioaa-a-oama-paiaao> . Acesso em: 01/09/2020